

ÉRIC DARDEL - O HOMEM E A TERRA: NATUREZA DA REALIDADE GEOGRÁFICA

Lawrence Mayer Malanski
law.malanski@gmail.com
Universidade Federal do Paraná

Em um contexto científico marcado pelas abordagens científicas de aspectos neopositivistas e quantitativistas do pós-Segunda Guerra, a ousadia apresentada em uma pequena obra escrita por um professor e geógrafo francês merece destaque. *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique* (1952) de Éric Dardel pode ser considerada uma autêntica aplicação da fenomenologia e do existencialismo à geografia. Nela, Dardel expõe suas considerações a respeito da geografia remetendo-se, sobretudo, à filosofia de Martin Heidegger.

No entanto, em decorrência desse contexto, *L'Homme et la Terre* não despertou o interesse dos demais geógrafos e foi esquecida por cerca de vinte anos. Ainda, para Claude Raffestin (1987) em sua nota *Pourquoi n'avons-nous pas lu Éric Dardel?*, a obra de Dardel não foi compreendida em seu contexto original em decorrência de sua linguagem poética e pelo uso de metáforas, o que contribuiu para a distorção de seu conteúdo, novidade e originalidade. Após ser resgatada na América do Norte na década de 1970, *L'Homme et la Terre* tornou-se uma valiosa contribuição para os fundamentos da geografia humanista e influenciou geógrafos como Yi-Fu Tuan e Edward Relph.

A partir desse contexto esta resenha tem por objetivo apresentar aspectos relevantes contidos na principal obra de Dardel¹ e fornecer elementos da conjuntura de sua publicação necessários para melhor compreensão. A resenha foi elaborada a partir da revisão bibliográfica e tem aporte em autores como Jean-Marc Besse, Paul Claval, Welther Holzer, Eduardo Marandola Junior, além do próprio Dardel.

Apesar de apenas nos anos de 1970 elementos da fenomenologia terem ganhado importância na geografia cultural, uma obra pioneira relacionando a fenomenologia e o existencialismo à geografia foi publicada na década de 1950, mas permaneceu esquecida por aproximadamente 20 anos. Em 1952, na França Éric Dardel (1899 – 1967) publicou *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique* como um capítulo sobre geografia da *Nouvelle Encyclopédie Philosophique*, uma coleção com circulação limitada e

¹ Para a elaboração desta resenha foi lida a obra traduzida para o português por Welther Holzer e publicada em 2011 com o título *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*.

esquecida nas bibliotecas francesas. Na época *L'Homme et la Terre* não gerou nenhuma reação entre os geógrafos, que estavam imersos em um contexto que mesclava o que já se tinha produzido com a geografia clássica e o positivismo. Apenas nove anos depois *L'Homme et la Terre* foi citado na obra de Maximilien Sorre *L'Homme sur la Terre* (1961). Apesar desse esquecimento, a obra de Dardel é, provavelmente, a única a respeito de uma autêntica geografia existencialista escrita até hoje (HOLZER, 2011).

L'Homme et la Terre foi resgatado na década de 1970 por Edward Relph e citada em sua tese de doutorado *The Phenomenon of Place*, defendida em 1973 na Universidade de Toronto. Relph buscava alternativas epistemológicas para a geografia cultural com o propósito de diferenciar as experiências de espaço e lugar. A partir disso, ele compreendeu o lugar como um modo particular de relacionar as diversas experiências de espaço. A partir disso, o lugar tornou-se o centro da atenção da geografia humanista. Tal tese tornou-se o livro *Place and Placelessness* e é considerado um marco da geografia humanista (HOLZER, 2011).

A partir de 1974, nota-se a influência de *L'Homme et la Terre* em outro geógrafo bastante conhecido atualmente: Yi-Fu Tuan. Apesar de sua origem chinesa, Tuan atuava como professor da Universidade de Toronto nesse ano e seu artigo intitulado *Space and Place: Humanistic Perspective* é o marco de sua guinada teórico-metodológica em direção à fenomenologia. Nesse artigo, Tuan assume tanto o espaço como o lugar como conceitos que definem a natureza da geografia, distanciando-o do campo da percepção ambiental a partir, sobretudo, da teoria da aprendizagem de Piaget (HOLZER, 2011). Os livros *Space and Place: The Perspective of Experience* (1977) e *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values* (1974) afirmaram o pensamento fenomenológico e humanista de Tuan.

Enquanto isso, no país de origem de Dardel, a geografia cultural francesa não renunciou aos trabalhos da primeira metade do século XX, mas os enriqueceram e os integraram numa perspectiva global. Assim, os estudos franceses continuaram ligados aos aspectos materiais da cultura e à paisagem (CLAVAL, 2001). Nesse cenário, *L'Homme et la Terre*, influente na geografia cultural norte-americana, foi lembrado e reeditado na França apenas em 1990 por Philippe Pinchemel e Jean-Marc Besse, quase quarenta anos após ser publicado. Antes disso, o livro foi reeditado em italiano em 1986, sendo que essa versão contém a contribuição do geógrafo suíço Claude Raffestin intitulada *Pourquoi n'avons-nous pas lu Éric Dardel*.

No Brasil, *L'Homme et la Terre* foi publicado em português apenas em 2011, traduzido pelo professor Werther Holzer, da Universidade Federal Fluminense (UFF) a partir da reedição em francês de 1990. Ainda, na UFF existe uma revista intitulada *Geograficidade*, cujo conselho editorial é composto por Werther Holzer, Eduardo Marandola Junior e Livia de Oliveira. Esse periódico é aberto à reflexão em torno das abordagens culturais e humanistas com aporte na fenomenologia.

Dardel era um homem culto, aficionado pela história e filosofia. Obteve o título de historiador e geógrafo em 1925 e, em 1941 durante a ocupação nazista, defendeu com louvor sua tese de doutorado em letras na Universidade de Paris intitulada *Le Pêche harenguière em France, des origines à nos jours: étude d'histoire économique et sociale*. Compuseram a banca de avaliação de sua tese Ernest Labrousse, Augustin Renaud e Maximilien Sorre. Além de *L'Homme et la Terre*, Dardel publicou alguns outros livros, artigos, resenhas e análises, como *L'Histoire, science du concret* e *Les pêches maritimes* (ambos de 1946).

Além do interesse pela pesca e pela geografia, Dardel deu importância aos textos religiosos, sendo que a relação dele com o conhecimento geográfico foi fortemente influenciada pela fé protestante. Algumas de suas publicações revelam essa influência: *La religion dans son essence et ses manifestations*, *L'expérience humaine du sacrifice* (ambas publicadas em 1949) e *Histoire du protestantisme* (1950) (OPILLARD, 2013).

Dardel nunca ascendeu ao cargo de professor universitário, o que fez com que seu trabalho fosse visto como fora do contexto acadêmico da época. Sua trajetória profissional foi marcada pelas atuações como professor e diretor de liceus, destacando-se na organização do liceu experimental Jean-Jacques Rousseau, onde encerrou sua carreira como diretor (PINCHEMEL, 2011).

Dardel foi influenciado por seu sogro, o etnólogo, pastor e missionário protestante Maurice Leenhardt (1878 – 1954), que pesquisou sobre os povos nativos da Nova Caledônia e era popular entre os intelectuais franceses da época. De Leenhardt Dardel adquiriu o interesse pela teologia e pelas relações entre a história e os mitos. Além disso, seu cunhado, o filósofo Henri Corbin era estudioso e tradutor das obras de Martin Heidegger do alemão para o francês. Ainda, Dardel interessava-se pelas obras de poetas como Friedrich Hölderlin, Percy Bysshe Shelley e de filósofos como Gaston Bachelard, Carl Jaspers, Søren Kierkegaard, Maurice Merleau-Ponty, Jean Paul Sartre, Emmanuel Levinas, Paul Ricoeur entre outros (HOLZER, 2010).

L'Homme et la Terre é um pequeno e sucinto livro. Nele Dardel se opõe a redução da geografia a uma simples disciplina científica e questiona o conhecimento geográfico, sua finalidade e método em comparação ao modelo científico das ciências naturais (OPILLARD, 2013). Dardel fez assim, uma interpretação global da geografia a partir da existência humana (BESSE, 2011) e que, portanto, precede a geografia científica. Nas palavras do autor

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma 'geograficidade' (*géographicité*) do Homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011, p. 1).

Para o autor, o conhecimento geográfico teria como tarefa decifrar a Terra, compreender os signos que a formam, como um texto. “[...] a Terra é um texto a se decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam signos desse texto.” (DARDEL, p. 2). A partir dessa ideia o geógrafo pode, então, ser compreendido como um leitor do mundo. Nota-se nisso a influência da semiótica sobre o pensamento de Dardel.

Além disso, o autor diferiu a respeito da construção do objeto científico da nova geografia e da análise espacial dos anos de 1950. Para ele, o espaço geométrico (homogêneo, uniforme e neutro) se opõe ao espaço geográfico (único) e interessa compreender de que modo a materialidade das coisas faz sentido para as pessoas. Isso pode ser revelado em decorrência do encontro entre as pessoas e a Terra, descrito por pares de oposição, denominado por Dardel de eventos geográficos. “A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que os homens se sintam ligados à Terra como se chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 1990, p. 33). Assim, Dardel definiu o espaço como a conjunção de distâncias e de direções que, tendo como referência o corpo e o espaço onde ele se instala, constituiria um espaço primitivo a partir do qual se estabeleceriam categorias espaciais como a de lugar e a de paisagem (HOLZER, 2008).

Tais ligações, que para Dardel podem ser teóricas, práticas, afetivas e simbólicas, definem uma 'geograficidade'. A noção de 'geograficidade' advém da 'historicidade', uma formulação filosófica da tomada de consciência de que o destino humano se realiza historicamente, ou seja, uma situação temporal que concede a presença ao existir. A existência, por sua vez, se manifesta através de uma presença na Terra, ou seja, a geografia é originalmente a própria existência (BESSE, 2011).

Desse modo, ‘geograficidade’ prolonga uma linha do pensamento de Martin Heidegger sobre o ser-no-mundo (*Dasein*²) desenvolvida, sobretudo, em sua obra inacabada *Sein und Zeit* (publicada em 1927) (BESSE, 2011). É curioso o interesse de Dardel pelas ideias de Heidegger nos anos de 1940 e 1950, pois o filósofo alemão, nesse período, era mal visto por seu envolvimento e afinidades com o Partido Nazista.

Heidegger parte de um dos dois domínios de Descartes, a consciência, para assumir a existência como a essência do *Dasein*. Confundido com o ‘Eu’ cartesiano, pensar para Heidegger é apenas uma forma de existir, somado à experiência. Assim, *Dasein* implica uma totalidade onde o ser, o espaço e o tempo estão indissolivelmente ligados, ou seja, uma ontologia. Pode-se entender o *Dasein* como habitar, o que implica num conjunto fenomênico de elementos que são mediados pelas ações e pelo querer humano. Desse modo, a existência é fundada num habitar e este marca, demarca e transforma o espaço (MARANDOLA JR, 2012).

A partir disso, entende-se que para Dardel, o espaço geográfico é o mundo da existência cotidiana, que agrupa dimensões do conhecimento e, também, da ação e da afetividade. “O espaço geográfico tem um horizonte, um modelado, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste.” (DARDEL, 2011, p. 2). Mais do que retomar a posição da geografia clássica vidaliana, Dardel lhe dá uma fundamentação ontológica. Nesse caso, deve-se compreender o mundo a partir da ‘mundanidade’ de Heidegger como um fato de que o mundo existe e é relativo ao *Dasein*. Assim, mundo é o espaço material investido de valores e significações, é o espaço geográfico (BESSE, 2011).

A realidade geográfica, nesse sentido, distribui-se no espaço material, responsável por fornecer situações com condições dinâmicas de direção, afastamento e aproximação (proximidade). Direção e distância definem a situação, sendo que esta foi compreendida por Dardel (2011) como um sítio estável e inerte que supõe um espaço onde a pessoa se move, um conjunto de relações que fixam de algum modo o lugar de sua existência. Convém destacar que a proximidade é a chave para a compreensão do *Dasein* em Heidegger, pois seria o elemento catalizador dos sentidos espaciais do ser e o ponto para a compreensão da espacialidade a partir do que é mais próximo na vida cotidiana (MARANDOLA JR, 2012). Essa sensibilidade possibilita um encontro estético e torna possível a reconciliação dos humanos com o movimento do mundo (BESSE, 2011).

² Termo do idioma alemão que não corresponde a um termo específico em sua tradução para o português, o que dificulta sua compreensão. Pode ser entendido como ‘ser-no-mundo’, habitar e lugar.

Entende-se, então, que a natureza da realidade geográfica é a própria realidade humana, a geograficidade, definida pela situação (OPILLARD, 2013; HOLZER, 2011).

Assim como Bachelard, Dardel decompôs o espaço material em: ‘espaço telúrico’, que fornece valores de profundidade, solidez e plasticidade; ‘espaço aquático’, que fornece valores da vida e do movimento do tempo; ‘espaço aéreo’, que fornece valores estéticos, simbolismo e dimensões afetivas; e ‘espaço construído’, que se apresenta como paisagem e um produto histórico. Cada um desses espaços fornece aos humanos a situação de suas existências (BESSE, 2011). Portanto,

A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de irrealização, sobre a própria realidade. [...] Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (*terrienes*), marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o Homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. (DARDEL, 2011, p. 5).

Apesar de Dardel não dedicar um capítulo de sua obra ao lugar, esta ideia permeia todo o seu texto como fundamento para a construção de todas as relações temporais e espaciais do ser-no-mundo. Ou seja, o lugar é fundamental na construção de outros conceitos espaciais e é a essência que estabelece a geografia como ciência (HOLZER, 2010).

A situação de um Homem supõe um espaço onde ele se move; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. Perder a localização, é se ver desprovido de seu lugar, rebaixado de sua posição eminente, de suas relações, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade (DARDEL, 2011, p. 19).

Paisagem, por sua vez, foi compreendida por Dardel como o que está em torno do ser humano, ou seja, todos os elementos geográficos se agregam na paisagem. No entanto, apesar de apresentar-se como uma totalidade estética, a paisagem só é acessível aos sentidos e ao sentimento humano porque se dá sob a forma de uma ‘tonalidade afetiva dominante’, colocando em evidência a totalidade do ser humano e suas ligações com a Terra (DARDEL, 2011). Assim, Dardel enunciou a paisagem como o resultado das interações entre o espaço telúrico, o espaço aéreo, o espaço aquático e o espaço construído (HOLZER, 2010).

Por fim, conclui-se reafirmando que uma das poucas aplicações fenomenológicas e existencialistas à geografia foi realizada por Éric Dardel em seu livro *L’Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*, revelado primeiramente como um capítulo de

uma enciclopédia francesa publicada em 1952. No entanto, devido ao contexto científico da época e por Dardel não pertencer ao cenário universitário francês, *L'Homme et la Terre* foi esquecido por cerca de vinte anos até ser resgatado na década de 1970 por geógrafos norte-americanos que buscavam alternativas epistemológicas para renovar a geografia cultural.

Se *L'Homme et la Terre* permaneceu indiferente durante décadas, é porque o período não era propício para o surgimento da sensibilidade geográfica que ela apresenta. Dardel foi assim um geógrafo em desacordo com o seu tempo (OPILLARD, 2013). No entanto, se o contexto não era favorável, as perspectivas desenvolvidas atualmente pela geografia tornaram a obra de Dardel valiosa, importante e atual.

Referências bibliográficas

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **A Pluralidade da Geografia e as Abordagens Humanistas/Culturais**. In: Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (1.: 2006: Curitiba, PR) Espaço e representações: construções teóricas do geográfico; Anais, Edição do NEER Geografia/UFPR, Curitiba, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/kmqiym>>. Acesso em: 26 mai. 2014.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

HOLZER, Werther. A influência de Éric Dardel na construção da Geografia Humanista Norte Americana. In: **Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, 2010. p. 1-11. Disponível em: <<http://goo.gl/Bsfv4g>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Éric Dardel. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 137-147, 2008.

MARANDOLA JR, Eduardo José. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**. Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

OPILLARD, Florian. **Ce que nous enseigne la lecture d'Eric Dardel**. Florian Opillard. set. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/WklGc3>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

PINCHEMEL, Philippe. Biografia de Eric Dardel. In: Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

RAFFESTIN, Claude. Pourquoi n'avons-nous pas lu Éric Dardel? **Cahiers de géographie du Québec**. Montreal: Département de Géographie de l'Université Laval, v. 31, n. 84, p. 471-481, dez. 1987. Disponível em: <<http://goo.gl/4gYRHN>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

Enviado para submissão: 27/03/2015

Aceito para publicação: 01/03/2016